

★ CASA DO TEATRO DE PORTAS ABERTAS PRÁTICAS DE TEATRO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Larissa da Mata

Atriz, dançarina, modelo, pesquisadora. Formada e pós-graduada pela Escola Superior de Artes Célia Helena.

ALMEIDA, K. et al. *Casa do Teatro: de portas abertas - práticas de teatro para crianças e adolescentes*, São Paulo: Escola Superior de Artes Célia Helena, 2024.

Publicado em 2024 pela Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH), com apoio da Escola Móvil e patrocínio da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Organizado por Karina Campos de Almeida, Marcos Barbosa de Albuquerque e Vitória Cortez, o livro é dividido em duas partes. A primeira trata das bases teóricas e práticas desenvolvidas na trajetória do curso, enquanto a segunda reúne depoimentos de pessoas chave na consolidação da instituição: a diretora de produção do Célia Helena, Eleonor Pelliciani, e a psicanalista Odete Coster.

Logo após a Apresentação escrita por Natália Batista, que explica sucintamente o que é a Casa do Teatro e apresenta o itinerário do livro em questão, uma Introdução de Lígia Cortez celebra os 40 anos de história do curso e perpassa seus caminhos pedagógicos desde a inauguração. A autora divide o período em sete fases, influenciadas pelo cenário político-social e pelas transformações do panorama da educação de artes no Brasil. A primeira fase seria de implantação; a segunda, de consolidação de experiências; a terceira, de construção de metodologia própria; a quarta, de consolidação da equipe e da matriz artístico-pedagógica; a quinta, de convergência com o curso de Licenciatura em Teatro da ESCH; a sexta, de adaptação ao contexto da pandemia de Covid-19; a sétima e última, de compreensão das mudanças nos relacionamen-

tos com crianças e jovens impactadas pelos anos de isolamento social decorrentes da pandemia. Cortez finaliza a Introdução abordando o termo “artista orientador”, que denomina o artista profissionalmente preparado para orientar estudantes em sala de aula, reconhecido posteriormente pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos do Espetáculo (SATED), valorizando o trabalho dos artistas no panorama da criação artística na educação.

O primeiro capítulo, intitulado “O artista orientador nos processos artísticos com crianças e jovens da Casa do Teatro”, escrito por Luciana Barboza, que também atua como coordenadora e artista orientadora da Casa do Teatro, identifica as habilidades e competências singulares do artista orientador para atuar em sala de aula, abordando aspectos como: seu fazer teatral com crianças e jovens, a formação do artista orientador na Casa do Teatro, a importância do estudo orientado de elementos de psicanálise e de desenvolvimento psíquico infantil a partir da perspectiva winnicottiana e os estudos de nomes de referência em teatro educação tais como Olga Reverbel, Viola Spolin, Peter Slade, Jean-Pierre Ryngaert e Augusto Boal. O artigo destaca ainda a criação de jogos teatrais sob orientação em ciclos de reuniões pedagógicas semanais e de escritas dramáticas originais, também sob orientação. Ilustram-se, por fim, o compartilhamento de projetos entre as turmas (a

fim de se promover a colaboração nas soluções de encenação) os encontros com artistas, educadores e teóricos (através de oficinas e palestras promovidos pela Casa do Teatro) e, para finalizar, o lugar do artista orientador em relação às suas turmas e sua condução do processo criativo.

O capítulo seguinte, intitulado “A planta da Casa do Teatro: desenho de uma estrutura pedagógica”, estabelece um diálogo direto com o primeiro, ao analisar a organização pedagógica do curso. Nele, Abel Xavier reflete sobre o planejamento, o registro das aulas e os compartilhamentos pedagógicos realizados ao final de cada ano com familiares e amigos dos estudantes. Esses espetáculos pedagógicos revelam dimensões profundas do processo desenvolvido em sala de aula e trazem à tona aspectos centrais das reuniões pedagógicas desde a fundação do curso, em 1983. Entre eles, destacam-se a divisão de tarefas na rotina das aulas, a presença constante da psicanálise nas escolhas das linguagens artísticas, nas dinâmicas de sala e nas apresentações finais, bem como a valorização do jogo teatral e da improvisação como eixos fundamentais da aprendizagem no fazer cênico.

O terceiro capítulo, “Brincar de circo no jogo do teatro: o circo como linguagem artística para a formação de crianças na Casa do Teatro”, de Célia Borges, inicia-se com um panorama histórico sobre o ensino da arte circense no Brasil, conectando essa trajetória à chegada da linguagem do circo à Casa do Teatro por meio do trabalho do palhaço, ator e produtor Raul Barreto. O texto ressalta a importância de uma formação que promova a autonomia do pensamento, a livre expressão, a imaginação e o trabalho coletivo, destacando o valor do jogar e do brincar na formação pedagógica de crianças e jovens, bem como as diferentes formas de inserção da atividade circense nas aulas. O capítulo também aborda as dificuldades relacionadas ao toque e ao contato físico com os estudantes durante e após o período de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19, além de refletir sobre o cuidado necessário na abordagem da “palhaçaria” em

sala de aula, buscando sempre uma prática ética e vivencial. Por fim, enfatiza o desdobramento da espontaneidade e da desenvoltura corporal das crianças e jovens após a experiência com aulas de circo na Casa do Teatro.

Temas específicos referentes ao teatro contemporâneo aparecem em *Casa do teatro: de portas abertas*, no capítulo seguinte: “A Casa do Teatro e a Contemporaneidade”, da autoria de Vitória Cortez Cohn. O texto detalha a constante renovação dos repertórios e práticas do curso para estar em constante diálogo com a atualidade, sempre com o objetivo de incentivar crianças e jovens a se desenvolverem também como artistas-pesquisadores. A principal reflexão do capítulo é: “como a Casa do Teatro dialoga com procedimentos da cena contemporânea?” pergunta guia que a autora desenvolve a partir de linhas investigativas sobre contemporaneidade e teatro formuladas por Desgranges (2017). Para auxiliar o entendimento do contexto prático abordado no capítulo, a autora se utiliza de dois estudos de caso de encenações que orientou na Casa do Teatro enquanto artista orientadora: um processo com jovens de 15 a 18 anos (*Orfeu e Eurídice*), e um processo com crianças (*Gigante egoísta*, de 2014). Uma das marcas do teatro contemporâneo investigadas mais a fundo nesses estudos de caso é a adesão à criação em processo colaborativo e a ênfase em processo, não em resultado.

“Quando o artístico e o pedagógico são indissociáveis”, de Luana Freire, fecha a Parte I do livro. Aqui, são abordados temas como: a atmosfera criativa dos ambientes em que são oferecidos os cursos da Casa do Teatro em suas duas diferentes unidades (Itaim Bibi e Pacaembu), as múltiplas linguagens artísticas praticadas ao longo dos processos anuais e os procedimentos de escolha dos profissionais que conduzirão o processo de cada turma. Realça-se, ainda, a via metodológica do curso a partir de sua inspiração em matrizes de pedagogia teatral russas (a partir dos conceitos defendidos e teorizados por Constantin Stanislávski, Vassili

Toporkov, Anatoli Vassíliev e Maria Knebel) e brasileiras (com Augusto Boal e Paulo Freire).

A parte 2, intitulada “Um olhar através da memória: narrativas sobre a Casa do Teatro” é composta por duas entrevistas com figuras centrais na história do curso: Eleonor Pelliciani e Odete Coster. A primeira entrevista, com Eleonor Pelliciani, é um mergulho no percurso de constituição do curso, sobretudo na forma como o mesmo absorveu e produziu formas de pedagogia teatral a partir de influências como Bertolt Brecht, Vladímir Nemirovich-Danchenko, Constantin Stanislávski, Viola Spolin, Peter Slade, Asja Lacis, Walter Benjamin, Célia Helena, Lígia Cortez e a própria Pelliciani. Com precisão, são abordados ainda os processos multidisciplinares da Casa do Teatro juntamente à forma como o curso e o Célia Helena Centro de Artes e Educação estão integrados. Na entrevista com Odete Coster põe-se em destaque o papel da psicanálise na Casa do Teatro e se abordam pontos-chave da história do curso: a chegada e a integração de saberes da psicanálise na pedagogia do curso, o trabalho desenvolvido ao longo dos anos através do olhar psicanalítico e as bases teóricas psicanalíticas que orientam possibilidades de futuro para o curso.

A iconografia ocupa papel relevante em *Casa do Teatro: de portas abertas*, ao estruturar visualmente uma narrativa complementar ao texto escrito. As imagens em preto e branco dos primeiros anos de atividade, pertencentes a acervo pessoal e registradas por Paulo Torma e Luciana Barboza, documentam práticas pedagógicas e jogos *Casa do Teatro: de portas abertas - práticas de teatro para crianças e adolescentes*, cênicos, oferecendo ao leitor registros históricos que contextualizam a experiência formativa. As fotografias realizadas por João Caldas e Andréia Machado apresentam a diversidade das linguagens exploradas no curso (como o teatro de sombras, a palhaçaria e a criação de figurinos), evidenciando a materialidade estética e os resultados do processo educativo ao longo do tempo. O livro se encerra com uma imagem de Paulo Torma, de

1992, que retrata uma sala de aula com a professora Lígia Cortez e seus alunos, estabelecendo um elo entre memória e pedagogia. Nesse sentido, o conjunto iconográfico não se limita a ilustrar, mas funciona como documento e dispositivo crítico, capaz de reforçar, expandir e historicizar os conteúdos discutidos nos capítulos.

O livro se configura como uma contribuição significativa para o campo da arte educação, sobretudo por seu valor socioeducacional no contexto contemporâneo. A obra oferece subsídios teóricos e práticos relevantes tanto para docentes em formação quanto para profissionais já atuantes que buscam atualizar ou repensar suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, propõe reflexões que articulam a experiência artística com a formação de crianças e jovens, favorecendo a análise crítica do próprio fazer educativo e de seus vínculos com a dimensão da infância.

Referências

- DESGRANGES, F. **A interferência dos processos de criação nos modos de recepção artística**: percursos de um pretérito imperfeito. In: DESGRANGES, Flávio; SIMÕES, Giuliana (org.). *O ato do espectador: perspectivas artísticas e pedagógicas*. São Paulo: Hucitec, 2017.
- FISCHER-LICHTE, E. **Realidade e ficção no teatro contemporâneo**. *Revista Sala Preta*, São Paulo, v.13, n.2, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v13i2p14-32>